

A PAISAGEM GEOGRÁFICA INTERPRETADA POR ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN

Danielle Tatiane da Silva Cabral (*)

Maria Francineila Pinheiro dos Santos ()**

Ivaine Maria Tonini (*)**

(*) Mestranda em Geografia pela UFRGS Porto Alegre/RS-Brasil

Email: danielledasilvacabral@gmail.com

(**) Doutoranda em Geografia da UFRGS-Porto Alegre/RS-Brasil

francineilap@yahoo.com.br

(***) Prof.^a Dr.^a em Educação pela UFRGS-Porto Alegre/RS-Brasil

ivaine@terra.com.br

Introdução

Esta pesquisa realizou-se a partir de uma proposta pedagógica de refletir sobre “A paisagem interpretada por alunos com Síndrome de Down” enquanto conteúdo integrante do ensino da geografia em um ambiente educacional inclusivo. A necessidade é de se investigar a problemática decorrente do processo de ensino aprendizagem acerca da paisagem geográfica, em um contexto de educação inclusiva direcionada aos portadores de Síndrome de Down. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre paisagem geográfica e Síndrome de Down, com enfoque na interpretação da paisagem sob a perspectiva de alunos com Síndrome de Down.

Houve uma reflexão sobre a contribuição da Geografia para os processos de ensinar/aprender, considerando que a aprendizagem não é um processo unilateral, mas acontece de forma simultânea onde o professor também assimila conhecimentos de prática pedagógica dentro de um ambiente contextualizado e dinâmico de aprendizagem. Para tanto, a geografia tem papel fundamental na formação educacional e social e também “na aquisição de conhecimentos, de atitudes e de reflexos dos quais temos necessidades para viver”. (Rosendahl e Corrêa, 1999, 92)

A ciência geográfica fundamenta-se no estudo do Espaço Geográfico, o qual se constitui a partir da interação de objetos fixos e humanizados que dão fluidez e vida ao espaço. Ou seja, é a relação harmônica ou não entre esses componentes que proporciona uma dinamicidade no espaço geográfico. Para (Weil, 2002, 16) “a interação social deve ser construída á luz da compreensão e interpretação dos fenômenos”, esta relação faz com que a geografia busque compreender as relações que o homem estabelece com o meio natural, com os fenômenos e as conseqüências que decorrem deste processo. Assim sendo, o ato de ensinar não se faz isoladamente, sem o reconhecimento real de que as diferentes experiências subjetivas devem estar presentes na elaboração da didática a ser aplicada no ensino da geografia. A autora Rosita (1998), relata que deve haver uma interação entre quem ensina e aquele que aprende, construindo uma relação dimensional que vai além do ambiente escolar, atingindo um mundo externo. A realidade social não é segmentada e homogênea, cada ser social possui aspectos culturais distintos que o diferem de outros atores sociais,

contribuindo assim para a construção de conhecimentos que devem fazer parte do processo de ensino aprendizagem.

A Geografia é possuidora de uma história de transformações dos conceitos do indivíduo em relação ao seu macro e microcosmo, nas quais ele transforma o meio ambiente e interage com o mesmo através de ações antrópicas. A ação humana no espaço geográfico determina elementos que caracterizam o modelar terrestre, entre eles: paisagem, região, espaço, lugar e território (Castro, Gomes e Correia, 1995). O conceito de paisagem tem uma abordagem ampla, tendo em vista a sua dinamicidade e interação com o indivíduo, pois “os fenômenos naturais não bastam para explicar a paisagem, sendo necessário ligá-las à história para fins cognitivos” (Yazigi, 2002, 18). Enfim, a contribuição da Geografia para os processos de ensinar/aprender acerca da temática relativa ao ensino da paisagem de forma contextualizada, nos remete à Castrogiovanni, o qual define que o principal objetivo da Geografia é “desenvolver a aprendizagem onde o aluno tenha a compreensão do seu espaço de vida para se formar um sujeito/cidadão”. (2007, 105)

Tornou-se necessário dar atenção às singularidades dos diversos espaços onde o indivíduo ou grupo social registra seu cotidiano para que haja a compreensão das influências da paisagem sobre o indivíduo e das atuações do indivíduo que modelam a paisagem ao seu redor. Para Rosendahl e Corrêa (1999, 80), “a paisagem é modelada por forças físicas, mas ao mesmo tempo é um conjunto vivo que reflete a organização social”, portanto, não é possível ignorar as influências que a paisagem processa sobre o processo de ensino aprendizagem da geografia. Pois, de acordo com o cotidiano do aluno haverá uma percepção do mundo de acordo com suas necessidades cognitivas, psicoemocionais, culturais e sociais pertinentes a cada indivíduo.

Nesse sentido, a paisagem circundante ao ambiente em que o aluno se insere se torna um instrumento concreto de aprendizagem, possibilitando de modo real uma aproximação entre a geografia ensinada e a geografia vivenciada. A humanização da paisagem ocorre de forma harmônica ou desarmonica e constante a medida com que o homem se relaciona com o meio em busca de suprir suas necessidades socioeconômicas, isso contribui para que a paisagem seja modificada em suas características tipicamente naturais. Dessa forma Rosendahl e Corrêa (2000, 18) observam que “as qualidades simbólicas da paisagem produzem e sustentam o seu significado social.” Para cada indivíduo integrante de uma sociedade a paisagem passa a ter um determinado valor seja ele social, econômico, afetivo, artístico... Para cada um e para cada lugar a paisagem está representada de uma maneira e é interpretada de diferentes formas através de uma diversidade de significações.

O estudo da paisagem é complexo à medida que cada um desenvolve percepções e experiências cognitivas diferenciadas nos diversos ambientes. Ao se referir em percepção da paisagem a partir de alunos com Síndrome de Down, é necessário enfatizar o olhar desses indivíduos sobre a paisagem no qual estão inseridos, haja vista que, o olhar é componente da experiência emotiva de cada um. Assim a possibilidade de descrever a paisagem deve partir de elaborações primárias destes alunos. A abordagem pedagógica diferenciada e concreta é necessária, pois cada ser humano adquire habilidades para compreender o meio natural e social no qual estão atuando, independente da dificuldade de elaboração destes conceitos. A partir disso relata Tonini (2007, 52) que dentro “dessa perspectiva o homem é dinâmico, capaz de

atuar sobre o meio, modificando-o.” Assim, os indivíduos em geral, inclusive os portadores de Síndrome de Down devem ser conscientizados de que as relações com o mundo vão além de uma mera interpretação de conceitos.

Portanto, é importante se ter a consciência de que a vivência empírica se traduz em uma ligação com a paisagem, e a partir dessa ligação haverá uma linguagem que aproximará a interpretação verdadeira da paisagem para a aquisição do conhecimento geográfico. Assim, a geografia abstrata será uma possibilidade concreta de o indivíduo se identificar em uma relação de identidade com a paisagem, desvendando assim as inúmeras possibilidades de construção de conhecimento. Durante o processo de ensino-aprendizagem da Geografia, de modo sistematizado, se faz necessário, além do entendimento, a compreensão do espaço geográfico no qual está inserido o indivíduo ao qual o ensino é direcionado. Na educação inclusiva “há um cenário de dimensões variadas, incluindo desde o espaço físico da sala de aula, até o mundo, fora da escola”. (Carvalho, 1998, 45) Assim sendo, a evolução da sociedade e a interação com o meio apresenta contradições ideológicas que são reflexos do momento histórico no qual estão inseridos.

Para Rosita (1998, 150), “a ênfase na inclusão, são escolas para todos, o que implica num sistema educacional que reconheça e se prepare para atender as diferenças individuais, respeitando as necessidades de todos os alunos.” Portanto, deve-se esclarecer que a escola inclusiva deve prever a interação de portadores de necessidades especiais e as necessidades dos demais indivíduos que compõem esta escola. Para que isso ocorra às adaptações estruturais e funcionais são fundamentais em um espaço onde não haverá lugar para segregação e diferentes conceitos de “normalidade”, pois, o normal é ser humano, e o ser humano não é heterogêneo. Para o desenvolvimento cognitivo do portador de Síndrome de Down os diferentes sentidos são um elo para a aprendizagem, bem como a identificação com a paisagem que o cerca. A dificuldade inerente ao desenvolvimento da linguagem na Síndrome de Down deve ser superada através do despertar para outras habilidades concretas que proporcionem um conhecimento singular e desenvolvam uma aptidão para se relacionar com o conhecimento geográfico processando um meio para identificar a relação da paisagem com o cotidiano.

A educação inclusiva é alvo de inúmeros estudos, tendo diversas abordagens pedagógicas, mas principalmente visa ao respeito por parte da sociedade às necessidades especiais de cada ser humano. Em decorrência desta consideração, portadores de necessidades especiais devem ter avaliadas suas necessidades específicas, e, o sistema educacional deve priorizar as potencialidades de cada um desses indivíduos para desenvolver uma proposta de inclusão que preserve a igualdade de direitos e a cidadania de todos. Porque, assim como a paisagem não é homogênea, os seres humanos são únicos, uns diferentes dos outros, e, cada um com seu potencial de vida. Cardoso (1997, 33), afirma que “a ação educacional visa o pleno desenvolvimento do aluno buscando a integração de todas as suas inter-relacionadas dimensões pessoais subdivididas em biológica, social, afetiva, cognitiva e espiritual”, em termos educacionais, trata-se de rever e reformular conceitos que prevejam a perspectiva que cada aluno tem de cada disciplina, e das possíveis expectativas de como essas disciplinas poderão se tornar úteis e aplicáveis de maneira concreta imediatamente ou em um futuro que exija esses conhecimentos adquiridos.

Quando se fala em expandir o processo ensino aprendizagem além dos muros da escola, há um comprometimento com a família dos indivíduos com Síndrome de Down, pois a família é quem primeiro insere nestes indivíduos estímulos precoces para o desenvolvimento de habilidades inclusive físicas que superem a pouca tonicidade muscular apresentada perante a existência desta síndrome. Para Weil (2002, 38) “a estimulação precoce é uma possibilidade concreta de promover a neuroplasticidade e o estabelecimento de novas conexões que possam fazer com que o sistema nervoso alcance um maior desenvolvimento”.

Portanto o processo educativo não depende apenas do docente, inclui a família e está correlacionado a uma equipe multidisciplinar que promova a assistência às necessidades de indivíduos com Síndrome de Down. A visão e o entendimento que o portador de Síndrome de Down tem do seu mundo, as experiências do seu cotidiano, suas relações com o mundo e sociedade, o entrosamento vivenciado através da geografia, são fundamentais para a construção concreta de conhecimentos geográficos que o situem como sujeitos atuantes na sociedade.

A Síndrome de Down é uma característica genética e não caracteriza por si só uma doença que limita o indivíduo a uma vida improdutivo, as limitações provenientes da dificuldade de expressão pela oralidade e o comprometimento motor, entre outras características desta síndrome, limitam apenas o tempo e as particularidades da aprendizagem. Estabelecendo assim a necessidade de que o docente adquira habilidades acadêmicas e conhecimentos específicos que sirvam para ensinar algo que sobressai ao espaço escolar, mas que também deve ter relação com o mundo externo e com a própria sociedade.

O processo de ensino destinado a alunos portadores da Síndrome de Down deve ocorrer de forma contextualizada e concreta, preservando no ensino acerca da paisagem o domínio do que a percepção do indivíduo é capaz de apreender através da visão, dos odores, dos sons e movimentos. Assim sendo, a paisagem deve ser ensinada através de experiências vivenciadas no cotidiano de acordo com cada percepção de mundo e a partir das necessidades cognitivas, psicoemocionais, culturais e sociais pertinentes a cada um. (SANTOS, 1988).

O decorrer dos anos de vida e a transformação decorrente da formação social e psicoeducacional influenciada pelas oportunidades sociais determinará a representatividade de cada um perante a sociedade vigente. Em linhas gerais, a geografia e os conceitos geográficos são fundamentais para que o indivíduo compreenda o mundo em que vive, porém, o processo de aprendizagem é heterogêneo e compreende aspectos intrínsecos e extrínsecos. Isso é de fundamental importância para o ensino da geografia em um ambiente inclusivo, onde se deve pensar e repensar numa prática educacional que agregue os indivíduos. Para Weil, (2002, 16) “a inserção de uma pessoa que apresenta uma deficiência num determinado meio social só pode ser considerada integração, se entendidas as suas necessidades e as diferentes estruturas de necessidades.” Na verdade, essa consideração é ampla e complexa, e a relação deste conceito com a realidade depende tanto da política pública/educacional vigente, quanto dos meios disponíveis em cada realidade escolar de acordo com a região onde está localizada.

Em razão do que foi exposto, trata-se de traduzir estes conhecimentos abstratos de forma simplificada e concreta para portadores de Síndrome de Down, relacionando o saber geográfico com os questionamentos provenientes do cotidiano destes alunos, o professor torna-se um mediador entre a linguagem acadêmica da geografia e a sua aplicabilidade popular. Na prática inclusiva “trata-se de compreender as diferentes necessidades conforme os diferentes níveis da criança com Síndrome de Down” (Stratford, 1997, 13). Para tal, deve-se abranger o conhecimento que esses indivíduos com Síndrome de Down têm do mundo que os cerca, dentro de uma perspectiva do ensino da geografia. A escola não deve propiciar a segregação, mas promover a integração entre todos os indivíduos e destes para com a sociedade onde estão inseridos.

1. Metodologia: Oficina sobre o estudo da paisagem direcionado a alunos portadores da síndrome de Down.

As reflexões desta pesquisa originaram a necessidade de se produzir um instrumento pedagógico onde se pudesse avaliar a habilidades cognitivas e as necessidades de aprendizagem contextualizadas a partir do cotidiano de alunos com Síndrome de Down. Para isso, valeu-se da elaboração de uma oficina didática que foi realizada em um ambiente escolar inclusivo de uma Instituição educacional.

Evitou-se uma aprendizagem cansativa e sistemática, portanto, durante as aulas valorizou-se o conhecimento prévio de cada aluno a respeito do tema abordado, onde se possibilitou a troca de informações entre eles, apresentando algumas curiosidades e ocasionando uma maior aproximação dos conteúdos de forma concreta. O objetivo foi de reconhecer as diversidades da paisagem e a sua dinamicidade de uma forma concreta, relativa e relacional com o cotidiano.

Procurou-se discutir e resgatar quais eram as concepções de paisagem que os alunos detinham após a exposição do conteúdo ensinado, houve discussões sobre a dinâmica da paisagem em um contexto local e relacionado ao global, as ações ocorridas ao longo do tempo, as diferentes paisagens e suas características e a identificação da paisagem ao redor do ambiente escolar. Posteriormente houve o registro por meio de desenhos as características da paisagem observada e a elaboração de demonstrações escritas/desenho e oral sobre os conhecimentos adquiridos durante a atividade que incluiu uma aula de campo nas proximidades da Instituição escolar.

1.2 Procedimentos Didáticos

Anteriormente à oficina foi solicitado aos alunos (e encaminhado lembretes aos pais, familiares) para que todos os alunos que possuíssem em casa fotos antigas do bairro, da escola ou das proximidades de suas casas, trouxessem estas fotos no dia da oficina. Durante o passeio os alunos observaram o espaço ao redor da escola, sendo realizadas observações e discussões ao longo do trajeto. Os alunos foram estimulados a observarem a paisagem não só como um espaço de construção física, mas também espaços humanos, com traços culturais, espaços com referências próprias a partir da visão e da experiência do cotidiano de cada um.

No retorno para a sala de aula os alunos observaram as fotos antigas que retratavam o bairro antes da construção da escola, bem como seus próprios espaços relacionados ao

cotidiano. Como se trata de fotos foi abordado o aspecto humano em suas peculiaridades relacionadas à paisagem próxima ao local onde residem e principalmente próximo da escola que é local de referência para esta oficina. De maneira ordenada, cada aluno expôs suas fotos para a turma, colocando os seus conhecimentos para todos os colegas e também ouviram a opinião dos outros colegas a respeito da paisagem exposta na foto.

O professor se encarregou de trazer fotografias antigas para o dia da oficina, preservando assim a atividade e oportunizando para aqueles alunos que não dispuserem de fotos para a atividade, de que todos participem. Em seguida foram formadas duplas que retrataram através de desenhos, uma das paisagens observadas, explicando as transformações ocorridas ao longo do tempo e como eles gostariam de mudar na paisagem observada, as motivações para a retratação que eles desenvolveram através de cada desenho.

Foi importante que o professor estimulasse a todos participarem de forma ativa durante toda a atividade. Sendo que o trabalho foi exposto para as demais pessoas da escola em uma oportunidade posterior à oficina. Oportunizando assim um processo de inclusão social.

2. Resultados Obtidos

Os resultados obtidos foram gratificantes na medida em que os alunos puderam compreender a aplicabilidade dos conhecimentos geográficos acerca da paisagem e estabeleceram relações não só referentes aos processos sofridos com a ação antrópica e com o tempo, mas também houve uma identificação com o cotidiano. A aprendizagem associada aos aspectos concretos e vivenciais despertou o interesse pelos conteúdos pertinentes à geografia de forma lúdica e interativa com o ambiente e também incentivou ao entrosamento e socialização dos alunos com outros atores sociais.

Desta forma, houve a possibilidade de avaliar de forma construtiva o desempenho de cada aluno e constatar que houve uma maior apreensão dos conteúdos de acordo com a percepção de cada um. Os alunos participaram ativamente de todas as atividades propostas, se empenharam em corresponder às atividades propostas e demonstraram que pode haver uma troca de conhecimentos, uma troca de saberes entre “quem aprende e quem ensina”.

Reflexão Final

Em uma escola inclusiva o educador tem que se permitir conhecer a vivência e as individualidades dos alunos com necessidades especiais, pois “na escola inclusiva o professor deve ser um especialista no aprendiz, genericamente considerado” (Rosita, 1998, 170). Esses conhecimentos por parte do professor de geografia ultrapassam o conhecimento acadêmico adquirido durante a graduação de Geografia, se fazem através do estímulo intrínseco e das necessidades externas. A paixão pelo mundo que nos cerca e as questões da sobrevivência humana é a bússola norteadora da Ciência Geográfica, a partir disso se faz a construção do conhecimento geográfico que deve ser transmitido e mediado pelo professor de geografia. O desafio de estimular a

criatividade do aluno em um sistema inclusivo é tão empreendedor e trabalhoso quanto à recompensa de descobrir que o conhecimento geográfico ensinado tem uma aplicabilidade no cotidiano do aluno.

Enfim, ser geógrafo no contexto de inclusão educacional é um desafio diário, é um trabalho vocacional que exige amor pela Geografia de fato, é um ato de abnegação proposto por alguém que decidiu percorrer o caminho da Educação e que também optou por uma consciência inclusiva no aspecto humano. A metodologia em forma de uma oficina pedagógica de geografia contribuiu para a conclusão de que o saber geográfico se faz através das descobertas ocorridas no cotidiano do ato de lecionar.

Compreende-se que a sociedade globalizada é aquela onde há espaço para todas as diversidades humanas, e onde a escola inclusiva é aquela onde todos os atores sociais contribuem crítico e reflexivamente para a construção do conhecimento geográfico em uma aplicabilidade concreta no cotidiano de cada um. A magia está em saber diversificar o conhecimento nas mais diferentes formas de encantar o aluno pela aprendizagem, e transformar o que se ensina em um instrumento de inclusão social e cidadania.

Referências Bibliográficas

Cardoso, M. C. F; (1997) Abordagem ecológica em educação especial: fundamentos básicos para o currículo, Brasília, Brasil.

Carvalho, R. E. (1998) Temas em Educação Especial, Rio de Janeiro, Brasil.

Castrogiovanni, A. C; (2007) Ensino da geografia: Caminhos e Encantos, Porto Alegre, Brasil.

Castro, E; Gomes, P. C. C; Corrêa, R. L; (1995) Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro, Brasil.

Rosenddahl & Corrêa (ORG); (1999) Manifestações da cultura no espaço, Rio de Janeiro, Brasil.

Rosenddahl & Corrêa (ORG); (2000) Geografia Cultural: Um século, Rio de Janeiro, Brasil.

Rosenddahl & Corrêa (ORG); (2001) Matrizes da geografia cultural, Rio de Janeiro, Brasil.

Rosita, E. C; (1998) Temas em educação especial, Rio de Janeiro, Brasil.

Santos, M; (1988) Metamorfoses do espaço habitado, São Paulo, Brasil.

Stratford, B; (1997) Crescendo com a Síndrome de Down, Tradução: REILLY, L.H; Brasília, Brasil.

Tonini, I, M; (2007): Geografia escolar: Uma história sobre seus discursos pedagógicos, Ijuí/RS- Brasil.

Weil, L. F (ORG); (2002) Leituras significações plurais: um olhar para além das diferenças, Porto Alegre, Brasil.

Yáziqi, E; Carlos, A. F.A; Cruz, R.C.A (ORG); (1999) Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, São Paulo, Brasil.

Yáziqi, E; (ORG); (2002) Turismo e Paisagem, São Paulo, Brasil.